

## **RAIOU ABRIL E JÁ SE FALA EM SUCESSÃO**

Paulo TImm – Especial para A FOLHA, 5 de abril.

Raiou abril que, para nós, nada tem de cruel, como o fora para T.S.Elliot, quando escreveu um dos mais belos poemas do século XX: "Terra Devastada." Para nós, do lado de cá do Equador, abril é doce. Encerra definitivamente os sufocantes verões aos quais se seguiram as águas copiosas de março, sempre incômodas. É um mês de noites mais longas, mas amenas, árvores suplicantes mas ainda viçosas e realização das promessas de fim de ano. Na Páscoa, daqui a pouco, tudo explode em chocolates e planos para o inverno.

Neste ano, o abril precipita a sucessão política. Ano que vem, eleições gerais para Presidente, Governador e renovação dos respectivos legislativos. A situação nacional é periclitante, mas, aos poucos Temer é visto como um mal menor e vai estendendo seu horizonte até seu sucessor. Os eleitores ainda dizem que odeiam a Política e os Políticos mas quando chega o dia de eleições torcem pelos seus candidatos como numa final de campeonato. Esquecem-se das mazelas com a mesma rapidez que se esquecerão do nome em quem votaram, sobretudo para as Assembléias. É o Brasil...

No plano nacional o cenário é confuso. Lula corre na frente nas pesquisas eleitorais - apesar da alta rejeição - e não dá muita chance a seus eventuais contendores, dentre eles a eterna Marina Silva, pela Rede, o imprevisível Ciro Gomes, pelo PDT, Bolsonaro, pela extrema direita e uma incógnita pelo centro direita, vez que os candidatos até agora os tucanos cotados atolam-se em denúncias - Aécio Neves, José Serra e o Governador Alkmin, de São Paulo- abrindo campo para a emergência do Prefeito de São Paulo , João Doria. A grande dúvida neste cenário é Lula. Será realmente candidato? Seu último artigo na FSP - "A sombra do estado de exceção se ergue sobre nós" / 29 março 2017 - mais se parece a uma Carta Testamento , de quem se despede da vida pública, do que o lançamento de candidatura. Mas, talvez, isso se explique pela sua delicada situação perante a Justiça. Um passo em falso e o que é uma conjectura de condenação em um dos processos a que responde se desdobra como desacato. Mas ninguém exclui a possibilidade de uma grande novidade no pleito de 2018 , com um candidato que expresse uma postura mais construtiva a favor da reconstrução nacional, papel que exige uma centralidade do tipo desenvolvido pelo atual Prefeito do Rio de Janeiro. Ou, por outro lado,

a emergência explosiva de algum populista de ocasião, tipo Collor. A questão central, entretanto, nem é quem ganha, mas o que poderá fazer neste cenário de descrédito do Estado e de manutenção do arcabouço geral do sistema político nacional, visivelmente viciado.

No âmbito estadual, já se fala na aspiração do Governador Ivo Sartori em concorrer à reeleição. Contra ele conspira a tradição da não reeleição de ocupantes do Piratini e a tão visível baixa popularidade de seu nome que nem pesquisas são contratadas... Mas Sartori guarda consigo a esperteza atribuída aos velhos descendentes da colônia italiana. Tem na cartola o coelho da retomada dos gastos públicos, com convincentes aumentos salariais, no último ano de Governo, tal como o cumprimento do Piso Salarial dos Professores e novas incorporações na Brigada Militar, tudo acompanhado pelo discurso pré-elaborado desde o primeiro dia de seu governo: -“ Reorganizei as finanças destruídas do Estado”. Um trunfo, mesmo que pouco consistente. Na verdade, tenho sempre assinalado que faltou, tanto ao ex governador Tarso Genro como ao PT o vigor indispensável para enfrentar a sinistrose denunciada por Sartori. No caso de Tarso é evidente que deveria ter percorrido o Estado explicando-se. Argumentos não lhe faltariam, pois é evidente que ele não deixou o Estado em ruínas como alega seu sucessor. Pelo contrário, a economia do Rio Grande nos anos da administração petista comportaram-se até melhor do que a economia nacional e nenhum salto significativo na dívida do Estado justifica a sinistrose que nos equiparou ao Rio de Janeiro. O que ocorreu foi simplesmente uma perda conjuntural de receita, em decorrência da recessão econômica, algo que deveria ter sido enfrentado com competência de caixa e elegância republicana. Tudo indica, porém, que o PT e seus líderes foram imobilizados para enfrentar o campo de batalha. Preferem as tribunas, enquanto a praça, onde mora o acontecimento, fica à deriva de oportunistas.

Sartori vai enfrentar dois novatos e, talvez, a Senadora Anamélia, que já falhou feio na primeira tentativa, em 2014: Jairo Jorge, ex-prefeito de Canoas, filiado ao PDT, com razoável penetração na Região metropolitana de Porto Alegre e o deputado Miguel Rosseto, do PT, de Caxias do Sul, ambos com pouca penetração no interior, onde o PMDB reina e o PP de Anamélia lhe segue de perto Rosseto, por enquanto, estaria na frente de Jairo Jorge, mas tem um discurso mais estreito do que ele, vez que expressivo da tendência Democracia Socialista, dominante no PT gaúcho. Jairo, com origem no PT, tem a seu favor, em compensação, maior experiência administrativa, relativamente exitosa como Prefeito de Canoas, segundo município em população no Estado. Inexistem, ainda pesquisas de opinião sobre essas alternativas. mas tudo indica que será por aí que avançaremos. O momento, segundo especialistas, exigiria um concerto de fino jazz, na figura de concorrentes com perfil desassombrado e grande envergadura de atitudes, lembrando tipos como Pinheiro Machado,

Getúlio ou mesmo Paulo Brossard, mas teremos que nos contentar com o "solo de clarinetas"... Consta, enfim, que Rosseto e Jairo Jorge já se movem com assessores e consultores vislumbrando o pleito que se aproxima. Uma boa opção seria uma soma dos dois, mas quem, se atreve colocar o guiso no gato...? Até agora, pois, só especulações. Ninguém sabe o que proporão. Já Sartori tem um novo slogan: "Tapei o buraco, agora quero erguer Um Castelo no Pampa." , em alegoria a Assis Brasil...